

Ensaio sobre o dia exitoso

Título original: *Versuch über den geglückten Tag*

© Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main, 1991

Todos os direitos reservados e controlados pela Suhrkamp Verlag, Berlim

© Editora Estação Liberdade, 2020, para esta tradução

PREPARAÇÃO Editora Estação Liberdade

REVISÃO Gabriel Joppert

SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes

ILUSTRAÇÃO DA CAPA Amina Handke

EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon

EDITOR RESPONSÁVEL Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H211e

Handke, Peter, 1942-

Ensaio sobre o dia exitoso : sonho de um dia de inverno / Peter Handke
; tradução Simone Homem de Mello. - 1. ed. - São Paulo : Estação Liberdade,
2020.

72 p. ; 19 cm.

Tradução de : Versuch über den geglückten tag

ISBN 978-65-86068-20-7

1. Ficção austríaca. I. Mello, Simone Homem de. II. Título.

20-66942

CDD: 833

CDU: 82-3(436)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

07/10/2020 09/10/2020

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.

Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda
01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180

www.estacaoliberalidade.com.br

Ὁ φρονῶν τὴν ἡμέραν κυρίῳ φρονεῖ

*Aquele que distingue os dias,
é para o Senhor que os distingue.*

(Epístola aos Romanos, 14,6)

Dia de inverno:

Sobre o cavalo congela a sombra.

(Bashô)

Um autorretrato do pintor William Hogarth com uma paleta, em Londres, um instante do século XVIII; sobre ela, dividindo-a mais ou menos ao meio, uma linha levemente sinuosa, a chamada “*line of beauty and grace*”. E uma pedra da margem do lago Constança, plana e arredondada, sobre a escrivaninha; em diagonal sobre o granito escuro, numa discreta curvatura como que lúdica, desviando da linha reta no momento certo, um veio branco-cal a dividir e manter unidas as duas metades do cascalho. E no trajeto daquele trem de subúrbio entre as colinas do Sena a oeste de Paris, naquela hora da tarde em que a luz e o ar frescos de certos inícios de manhã costumam se exaurir, em que nada mais é natural e só mesmo o anoitecer, quem sabe, ajude a sair do sufoco do dia, aquele bifurcar repentino dos feixes de trilhos em um arco amplo, estranho, de causar espanto, bem lá no alto, sobre a cidade a se estender livre e inusitadamente pelo vale fluvial afora, mais ou menos ali na altura de St. Cloud e Suresnes, com seus pontos mais conhecidos se empilhando de modo tão desvairado quanto real; e com que curva imprevista o decorrer do dia, em um átimo de transição entre a fixidez e o tremular dos cílios, tomou novo rumo para fora do acramento e aquela ideia já quase descartada do “dia exitoso” retornou, acompanhada do impulso de se tentar mais uma descrição, ou enumeração ou narração dos elementos e problemas de um dia assim. A “linha de beleza e graça” sobre a paleta de Hogarth parece abrir de fato o caminho entre as massas amorfas de cores, parece se sulcar entre elas e, ao mesmo tempo, é como se lançasse uma sombra.

Quem já viveu um dia exitoso? Dizer que sim, provavelmente a maioria diria. E então será necessário continuar indagando. Você quer dizer “exitoso” ou simplesmente “bonito”? Você está falando de um dia “exitoso” ou — tem razão, algo tão raro quanto —

“despreocupado”? Já seria exitoso, para você, um dia que tenha transcorrido sem problemas? Você vê alguma diferença entre um dia ditoso e um dia exitoso? Para você faz alguma diferença falar com auxílio da memória sobre esse e aquele dia exitoso ou falar deste dia justo agora, imediatamente depois de transcorrido, sem a metamorfose que ocorre no meio-tempo, na exata noite deste mesmo dia, de modo que então o adjetivo a qualificá-lo não possa ser “cumprido” ou “sobrevivido”, mas tão somente “exitoso”? Então para você o dia exitoso é completamente diferente de um descontraído, de um dia de sorte, de um pleno, de um dia ativo, de um suportado, de um transfigurado desde um passado remoto — basta uma única coisa para o dia inteiro pairar em glória —, ou então qualquer Grande Dia para a ciência, para a sua pátria, para o nosso povo, para os povos da Terra, para a humanidade? (A propósito: Olhe — levante os olhos —, o contorno do pássaro lá em cima da árvore; aliás, nas cartas de Paulo, o verbo grego “ler”, a se traduzir literalmente como “levantar os olhos”, seria justamente um “perceber *para-o-alto!*”, um “reconhecer *para-o-alto!*”, uma expressão que, mesmo sem forma imperativa específica, já soa como uma intimação ou um apelo; e ainda aqueles colibris das florestas sul-americanas que, ao abandonarem sua árvore de refúgio, como se para enganarem a ave de rapina, imitam com o voo a oscilação de uma folha caindo...) — Não, para mim o dia exitoso não é como todos os outros; ele me *diz* mais. O dia exitoso é mais. É mais que “pertinente”, como pode ser uma observação, mais que “acertado”, como um lance de xadrez (ou todo um jogo), mais que “proveitoso”, como uma primeira escalada de inverno, algo bem diferente de uma fuga “bem-sucedida”, de uma operação “bem-sucedida”, de uma relação “bem-sucedida” ou qualquer outra coisa “bem-sucedida”, e também independe de uma pincelada ou de uma frase “certeira”, não tem sequer a ver com aquele poema que, depois de se esperar toda uma vida, acaba “dando certo” dentro de uma única hora! O dia exitoso é incomparável. Ele é singular.

Será que o fato de o êxito de um único dia poder se tornar um tema (ou motivo) tem a ver com a nossa época em particular? Lembre-se de que, antigamente, o que tinha repercussão era a crença no “instante” que, se realmente capturado, podia responder de fato por “toda a grande vida”. Crença? Imaginação? Ideia? Seja como for, o que vigorava no passado — fosse ao se pastorearem ovelhas nos montes Pindo, ao se passear sob a acrópole de Atenas ou ao se erguerem muros nos campos sobre os platôs pedregosos da Arcádia — era justamente algo como o deus de um átomo de tempo, de um instante exitoso assim, um deus do qual, ao contrário do que se sucede com as demais divindades gregas, não se fazia nem imagem, nem história: o próprio momento divino é que gerava uma imagem sempre nova de si e, ao mesmo tempo, esse “*kairós*” narrava-se a si mesmo como uma história, agora, agora e agora; e, na época, aquele deus do instante era mais poderoso do que todas as figuras divinas a se manterem aparentemente constantes ao longo do tempo — sempre presente, sempre aqui, sempre em vigor. Por fim, esse seu deus do “Agora!” (e dos olhos que se encontraram, e do céu que — há pouco ainda amorfo — assumiu uma forma, e do seixo que, logo que lavado, revelou o seu jogo de cores, e, e) também foi desapoderado (será mesmo? como saber?) pela crença subsequente numa nova criação — desta vez, não mais imaginação nem ideia, mas sim crença “provocada pelo amor” — como se os instantes e os tempos fossem preenchidos pelo tornar-se terreno, morrer e ressuscitar do filho de Deus, e com isso uma crença na eternidade; uma “boa nova” da qual seus próprios núncios diziam, por um lado, que não mais corresponderia à medida humana, e, por outro, que, para os que nela acreditassem, os éons ou justamente as eternidades da religião, para além dos meros instantes da filosofia, teriam êxito. Depois de destituídos tanto o deus do instante quanto o da eternidade, mesmo sem que tenha havido qualquer esforço no sentido de invalidá-los, veio o período de um terceiro poder, do puro aquém, abertamente profano, e aqui — e eu com isso, seus

helenos, com seu culto a Kairós? e eu com sua felicidade celestial, seus cristãos e muçulmanos? — se apostava em algo intermediário, no êxito do meu respectivo estar-aqui, justamente no único tempo de vida exitoso. Crença? Sonho? Visão? Pelo menos na origem desse período, antes de mais nada uma visão: a dos que se desencantaram com qualquer conceito de crença que fosse; uma espécie de teimosia em sonhar de olhos abertos. Já que, para além de mim, nada mais é pensável, vou fazer da minha vida o que for possível. E então a época desse terceiro poder em palavra e ação foi uma dos superlativos, dos trabalhos de Hércules, dos movimentos mundiais. “Foi?” Quer dizer que já passou da época? Não, a ideia de uma vida inteira se tornar exitosa por meio da ação ainda vigora e permanecerá profícua. Só que, nesse meio-tempo, parece não ter restado quase mais nada a se dizer sobre isso, e as epopeias e os romances de aventura dos pioneiros, que abraçavam resolutos aquele sonho inaugural de um ato de vida, já foram narrados e compõem o modelo para as vidas exitosas de hoje — toda vez uma variação da conhecida fórmula: “plantar uma árvore, ter um filho, escrever um livro” — e dignas de serem narradas em tudo isso seriam no máximo pequenas variantes ou glosas insólitas, assim de passagem, *en passant*, por exemplo a daquele jovem que acabara de fazer trinta anos, casado com uma mulher que ele tinha certeza que continuaria amando até o fim, professor numa pequena escola de subúrbio, para cujo jornal mensal ocasionalmente escrevia recomendações de teatro e de cinema, sem qualquer intenção voltada para um futuro (árvore nenhuma, livro nenhum, filho nenhum) e que, não só agora que completara seus trinta anos, mas já nos últimos aniversários, conforme dissera inopinadamente aos seus conhecidos com um lampejo solene nos olhos, tinha certeza de que sua vida tinha dado certo (mais insólita ainda, francamente, a frase no original francês, “*j’ai réussi ma vie*” — “eu logrei a minha vida”? “Dei conta”?). Será que a visão epocal da vida exitosa ainda tinha efeito sobre esse contemporâneo? Ou isso já era mais uma crença?

Faz bastante tempo que essa frase foi dita, mas imaginando agora, não importa o que tenha acontecido com o homem desde então, o visitante voltaria a receber à sua pergunta a mais óbvia reiteração. Portanto, crença. Mas qual? — O que terá sido daquela jovem “vida exitosa”?

Por acaso você está insinuando que o chamado dia exitoso, ao contrário da vida exitosa, pode render hoje mais do que meras glosas ou *postscripta* ou farsas? Trata-se de algo tão diferente daquele mote dos tempos áureos de Roma, daquele *carpe diem*, que agora, depois de dois mil anos, poderia igualmente servir como marca de vinho, frase para camiseta ou nome de clube noturno? (Aqui, de novo, depende de como você traduzir: “Aproveite o dia”, como o entendeu o século das ações —? “Colha o dia” — algo que o torna um instante único, grande, oportuno —? Ou “deixe o dia frutificar” — o que, de repente, faz o velho ditado de Horácio parecer realmente próximo do meu problema do Hoje —?) E o que é, afinal, o dia exitoso? Pois até agora você só tentou esclarecer o que ele não é. E com suas constantes digressões, com seus desvios e suas prolixidades, com seu eterno hesitar, com essas interrupções imediatas diante do menor impulso de início, com seus eternos recomeços, onde é que fica aquela linha de beleza e graça que, como já se deu a entender, designa o dia exitoso e, como depois se asseverou, deveria nortear este ensaio? Quando é que — em vez dos indecisos zigue-zagues por essas periferias afora, em vez do demarcar titubeante de uma coisa que parecerá ainda mais vazia — você finalmente vai introduzir, frase a frase, aquele corte tão-leve-quanto-incisivo através de todo esse *dédalo*, *in medias res*, a fim de que o seu obscuro “dia exitoso” possa começar a se clarear até a generalidade de uma forma? Como é que você imagina um dia assim? Esboce para mim uma primeira imagem, descreva-me imagens disso! Narre o dia exitoso. Deixe a dança do dia exitoso se

fazer sentir. Cante-me a canção do dia exitoso!

De fato, existe, sim, uma canção que poderia ter esse título. Quem a canta é Van Morrison, “meu cantor” (ou um deles), mas na verdade ela tem outro nome, o de uma pequena localidade americana no mais insignificante, e narra, sim, imagens de um passeio de carro num domingo — um dia da semana no qual o êxito do dia parece ser ainda mais difícil que nos demais —, a dois, com uma mulher, na primeira pessoa do plural (na qual o êxito do dia é um acontecimento ainda maior do que a sós): pescar nas montanhas, prosseguir, comprar o jornal de domingo, prosseguir, parar para comer, prosseguir, o reflexo do seu cabelo, a chegada à noite, e o último verso mais ou menos assim: “Por que todo dia não pode ser como este?” É uma canção bem breve, talvez a balada mais breve que exista, com duração de no máximo um minuto, e quem a canta já é quase um homem de idade, com as suas últimas mechas de cabelo, e sobre aquele dia se narra mais falando do que cantando, ou seja, sem canto, sem som, sem tom, um murmúrio como que de passagem, mas de dentro de um peito fortemente expandido, interrompendo-se de repente no momento da maior expansão possível.

E talvez hoje a linha da beleza e da graça — será que haveria outra tradução para *grace*? — nem possa mais fazer aquela curva levemente sinuosa como no século XVIII de Hogarth, um século que se compreendia, pelo menos na rica e autônoma Inglaterra, como a plenitude terrena dos tempos. Será que não faz jus a nós-outros agora que uma configuração dessas sempre volte a se romper, caia no gaguejo, no balbucio, na mudez e no silêncio, recomece, tome atalhos — e mesmo assim, como desde todo o sempre, aponte para uma unidade e para um todo? Assim como também faz jus a nós, agora no final do século XX, que não vigorem tanto as ideias de

uma eternidade qualquer ou de uma vida-inteira exitosa, mas sim as de um único dia exitoso, não apenas no sentido de “o agora é agora” e menos ainda no sentido de “simplesmente viver dia adentro!”, mas antes na esperança — não, no anseio — não, na necessidade — de também intuir, por meio da investigação dos elementos deste espaço-tempo, o padrão de um espaço-tempo maior, ainda maior, o maior possível?; pois após todas as ideias anteriores de tempo terem evaporado, o meu viver pelo viver agora, de um dia para o outro, sem prescrições (e seja tão somente a respeito do que se deva *deixar* acontecer em prol da vida), sem conexão (com você, com este passante), sem a menor certeza (de que o momento de alegria de hoje volte a se repetir amanhã ou algum dia), uma coisa que na juventude era suportável e às vezes até mesmo acompanhada de (guiada por) despreocupação, agora se reverte com frequência cada vez maior em aflição e, com o passar dos anos, em indignação. E como esta, ao contrário do que ocorria na juventude, não consegue se voltar contra os céus, nem contra as atuais circunstâncias terrenas, nem contra um terceiro qualquer, acabo ficando indignado comigo mesmo. Maldição, por que não nos vejo mais juntos? Maldição, por que é que — às três horas da tarde — o bater intermitente do trem nos trilhos, a luz no desfiladeiro, o seu rosto já não me parecem mais o acontecimento que (algo também válido para o mais remoto futuro) ainda eram hoje de manhã? Maldição, por que — ao contrário da imagem conhecida do envelhecer — estou conseguindo menos do que nunca reter, apreender e honrar os instantes do dia e da vida? Maldição, por que estou — no sentido literal da palavra — tão disperso? Maldição, esconjuro, maldição. (Olhe, a propósito, ali na casa de frontão, secando lá fora no batente da janela do sótão, os tênis daquele filho adolescente do vizinho que vimos ontem à noite sob os holofotes da praça do subúrbio, puxando a costura da camiseta enquanto corria e esperava a bola ser lançada para ele.)

Então, o que vigora para você e para agora — como quarto poder após as ideias do instante exitoso e da vida exitosa, eterna ou única — é a ideia do dia exitoso? E por acaso você está se sentindo obrigado a atribuir ao dia exitoso um aroma que não se dissipe, mas que — não importa o que venha a acontecer com você amanhã — se preserve desta ou daquela forma? E agora chega o momento de indagar de novo: como é que você imagina, em detalhe, um dia assim exitoso?

Não tenho nenhuma imagem particular do dia exitoso, nem uma única. É só uma ideia, e quase me desespero ao tentar trazer para dentro da imagem algum contorno reconhecível, fazer transparecer o padrão, delinear o rastro de luz original — narrar pura e simplesmente sobre o meu dia, como eu ansiava desde o início. Em se tratando apenas de uma ideia, a narração só pode ser sobre essa mesma ideia. “Eu gostaria de contar uma ideia para você.” Mas uma ideia — como torná-la narrável? O que ocorreu foi um tranco (sempre volto a ser recriminado pela “feiura” dessa palavra, mas mais uma vez ela não é substituível por nenhuma outra). Algo clareou? Expandiu? Interferiu em mim? Vibrou? Soprou morno? Luziu? Voltou a se tornar dia no fim do dia? Não, a ideia, ela se indispôs contra o meu anseio de narrar. Não me apresentou nenhuma imagem como escapatória. Todavia era corpórea, mais corpórea que uma imagem ou algo imaginado jamais o foram, todos os sentidos dispersos do corpo agora agregados em energia. Ideia queria dizer: não havia imagem, só luz. Isso, aquela ideia não era um regresso a dias bem vividos da infância, mas iluminava previamente o futuro. Se narrável, só mesmo no futuro, como narrativa do futuro, por exemplo: “No dia exitoso, voltará a se fazer dia no meio do dia. Vou sofrer um tranco, e duplo: para além de mim e para dentro, para bem dentro de mim. No final do dia exitoso, terei o topete de dizer que hei de ter vivido como se deve — um topete que